

## A Teologia e as Outras Ciências

Christoph Schneider-Harpprecht

Quero aprofundar alguns aspectos das palestras e da discussão da Semana Teológica. Pergunto-me que impulsos ela me deu para o trabalho da teologia prática. Pois estou mais familiarizado com o diálogo com psicologia e psicoterapia.

1) Acompanhei certa vez uma família pobre com um filho esquizofrênico. Os pais se preocupavam muito com o filho, que, por diversas vezes, se machucara e tentara suicidar-se. Eles procuraram um psiquiatra, que hospitalizou o jovem em duas ocasiões por alguns meses. Ele prescreveu um tratamento com remédios e terapia ocupacional. O pai disse: “O doutor nunca me disse claramente o que o meu filho tem. Que tipo de doença é essa e como vai ser no futuro? Gostaria de falar com um doutor que me informasse sobre estas coisas”. Em outro encontro, me contou que ele e sua esposa pertenciam a uma Igreja pentecostal há dois anos. Antes ela tinha sido médium num centro de umbanda. O casal acreditava que, no centro de umbanda, estariam fazendo *trabalhos* para atrair novamente a mulher, tirando-a da Igreja. Ela estaria forte na fé, e por isso os maus espíritos estariam baixando no filho e não nela. Já teriam chamado muitas vezes o pastor e membros da comunidade para fazer uma corrente de oração quando o filho estava mal. Durante essas sessões de oração e exorcismo o enfermo caía, pois sentiria o mau espírito sair do seu corpo.

Este exemplo mostra os efeitos da falta de diálogo interdisciplinar entre a religião e, neste caso, a psiquiatria, e demonstra a necessidade elementar deste diálogo. O casal estava confuso, pois morava em dois mundos simbólicos diferentes: participava do mundo da medicina, submetendo o filho ao tratamento alopático, e participava do mundo religioso, povoado de espíritos e perigos invisíveis. Vacilava entre os diagnósticos de doença mental e possessão, entre medicina clássica e medicina popular espiritualista. Os dois mundos não se comunicavam, se excluíam mutuamente e, desta forma, deixavam as pessoas ainda mais confusas e é provável que contribuíssem para a doença mental. Neste caso aparece uma questão de poder social: o médico não se dá o tempo de informar os pais e de trabalhar com o sistema familiar. Ele exclui o aspecto social, familiar da doença e aplica o tratamento comum para pacientes do Sistema Único de Saúde. Se já existe uma exclusão da religião do mundo da medicina, a política de saúde ainda fortalece esta exclusão e leva as pessoas a beber em outras fontes. A situação desta família melhorou quando, num processo de aconselhamento, eles conseguiram: 1)

expressar as suas preocupações, idéias e fantasias sobre a doença; 2) foram aceitos em sua identidade religiosa e sentiram que o parceiro de conversa falava a sua linguagem, entrava em seu sistema simbólico; 3) conseguiram obter informações sobre a doença, o que lhes permitiu relacionar as suas idéias religiosas com o diagnóstico da medicina; 4) aprenderam a tratar o rapaz de maneira diferente.

A sociedade pluralista expõe as pessoas a dissonâncias de diferentes sistemas cognitivos, o que elas dificilmente superam sozinhas. Entendi da palestra de Carlos Steil que a teologia e as outras ciências podem aprender da antropologia cultural: 1) a relatividade cultural do seu próprio sistema simbólico; 2) a reflexão crítica sobre os seus próprios pressupostos religiosos; 3) a necessidade de levar a sério outras interpretações religiosas e não-religiosas, científicas e populares da realidade humana. O diálogo interdisciplinar não acontece de forma independente de estruturas sociais e opções políticas. Ele exige uma abertura autocrítica e crítica para a interpretação do outro. As ciências humanas devem verificar as suas próprias opções religiosas e trabalhar criticamente com a religião implícita. A teologia deve verificar as suas próprias opções psicológicas e sociais. O diálogo interdisciplinar é uma conversa entre estrangeiros que moram em diferentes mundos e falam diferentes línguas. É um trabalho de tradução e interpretação que confronta o mundo próprio com a alteridade e o muda.

2) Ouvindo algumas colocações muito provocadoras de Hugo Assmann, me lembrei de um livro escrito pelo filósofo Ernildo Stein, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica em Porto Alegre. O título é *Órfãos da utopia: a melancolia da esquerda*<sup>1</sup>. Stein reflete de uma maneira profunda sobre o significado da queda do socialismo como ideal de sociedade para a esquerda política. Usando a linguagem da psicanálise, ele constata que, nos representantes da esquerda, pode-se observar uma reação de luto, semelhante à perda de uma pessoa querida ou de um objeto muito desejado. É o luto relativo à perda de um objeto idealizado, uma imagem ideal. Observam-se duas reações típicas de luto: a reação maníaca e a reação melancólica. Boa parte dos intelectuais de esquerda, engajados na luta por libertação e justiça, de repente se converteram em defensores do mercado, fizeram uma mudança radical do paradigma de pensamento e tornaram-se vanguarda de um paradigma holístico e integral. Eles negaram a perda, passaram por cima do luto e fugiram para o sentimento triunfal de uma nova libertação. A reação melancólica está intimamente ligada ao pensamento utópico. Ambas têm como raiz o descontentamento com a realidade social dada, o sofrimento e o desejo. Os melancólicos enfrentam a perda do seu ideal social, tentando salvar o que dá para salvar, juntando os pedaços do socialismo e da filosofia ou teologia da libertação. Podem também ficar agressivos e denunciar aqueles que, aparentemente, abandonaram o antigo ideal. Eles negam a perda e tentam manter algo que passou. Parece-me que algumas colocações de Hugo Assmann e as perguntas ou críticas que se ouviram entre nós

podem ser compreendidas como o conflito entre a reação maníaca e a melancólica. No diálogo interdisciplinar, é necessário elaborar o luto, o que realmente nos permite uma despedida de ideais passados e o desenvolvimento de uma nova visão social.

3) Hugo Assmann nos confrontou com a hipótese de que o capitalismo soube muito bem trabalhar o desejo e obscurecer o fato de que o acesso aos recursos para alcançá-lo está limitado a relativamente poucos privilegiados, enquanto o socialismo conseguiu suprir as necessidades das pessoas, mas fracassou porque não deu espaço ao desejo individual. Perguntado quais seriam os critérios para diferenciar entre desejos legítimos e ilegítimos, Assmann nos provocou, dizendo: “Esta pergunta é mórbida, porque quer prescrever o desejo para o outro; parte do pressuposto de que nós, os cristãos, a Igreja, sabemos o que o outro deseja. Deixe o desejo correr solto!”

Na psicanálise se faz uma diferenciação importante entre desejo e gozo<sup>2</sup>. O gozo é o prazer que sentimos quando um desejo se cumpre temporariamente: gozo é o prazer de comer um bom churrasco, o prazer sexual, o prazer de ser respeitado e visto como alguém importante. O desejo é a percepção de uma falta. Somos seres incompletos, sempre sentimos a falta de alguma coisa. O desejo nasce da falta e procura preenchê-la. Porém o gozo de nenhum objeto é capaz de preencher a falta. O desejo é a fonte que nos move para viver, para procurar o novo, o novo saber, outras pessoas. Estamos numa busca permanente, nunca plenamente satisfeitos, até a morte.

Parece-me que, ou na fala de Assmann, ou naquilo que nós escutamos, houve uma confusão entre desejo e gozo. Muitos entenderam que Assmann convida para cultivar o gozo individual, sem preocupação ética. Duvido que esta tenha sido a sua intenção. Talvez ele apenas quisesse nos lembrar da incompletude de sistemas e da importância do desejo como o lugar em que o sujeito percebe esta incompletude que o motiva a se desenvolver e criar sistemas cada vez mais complexos. Permanece a pergunta pelos critérios que ajudam a diferenciar entre desejo e gozo.

Para a teologia luterana, o desejo é um fator importante. Conforme Lutero diz na explicação do primeiro mandamento, no *Catecismo Maior*, “o confiar e crer do coração faz tanto Deus como o ídolo”<sup>3</sup>. Confiança e fé do coração — estes termos antropológicos descrevem o ser humano como incompleto, na busca de completude, na busca de Deus. A psicanálise chama isto de desejo. Podemos dizer que o desejo nos motiva a nos relacionar com Deus, a buscá-lo. O Deus do primeiro mandamento é invisível, não pode ser adequadamente simbolizado. Isto o diferencia dos ídolos. Os ídolos substituem o Deus invisível, infinito e soberano, por um objeto finito e visível. Eles possibilitam o gozo momentâneo, a dança alegre ao redor do bezerro de ouro. Mas este gozo aliena o desejo. Apenas a relação com o Deus sem imagem, que nós não experimentamos diretamente e que,

de vez em quando, nos faz sofrer, porque o nosso desejo não é cumprido, apenas esta relação garante a liberdade, mantém o desejo livre da fixação a objetos que nos enganam. Neste sentido, a teologia deve ter um interesse vital em cultivar o desejo individual e levá-lo a sério.

A orientação da teologia pelo primeiro mandamento é um critério essencial para o diálogo interdisciplinar. Ele obriga a teologia e as ciências a aceitar a sua incompletitude e a necessidade de complementar a sua perspectiva com outras perspectivas. Ele é um catalisador que gera uma crítica permanente, a qual impede que uma determinada teoria ou visão do mundo se torne absoluta e se transforme numa ideologia que escraviza as pessoas. A partir do primeiro mandamento, o diálogo interdisciplinar é uma conversa entre parceiros iguais, que mantêm uma atitude crítica em relação a si mesmos e em relação ao saber do outro.

### Notas

- 1 Emildo STEIN, *Orfãos da utopia* : a melancolia da esquerda, 2. ed., Porto Alegre : Editora da Universidade (UFRGS), 1995.
- 2 Dylan EVANS, *An Introductory Dictionary of Lacanian Psychoanalysis*, London, New York : Routledge, 1996, p. 35, 91.
- 3 Martinho LUTERO, O catecismo maior, in: COMISSÃO INTERLUTERANA DE LITERATURA (ed.), *Livro de concórdia* : as confissões da Igreja Evangélica Luterana, Porto Alegre : Concórdia; São Leopoldo : Sinodal, 1980, p. 394 (2).

Christoph Schneider-Harpprecht  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS